

1 Tempos promissores para os estudos da linguagem

Na década de 70 os estudos da Linguagem ganharam o mundo intelectual através dos franceses e dos estudos de semiótica dos russos. Houve, então, uma notável produção de livros e revistas nos quais a Linguagem se constituiu em objeto de estudo, em fundamento para a pesquisa e, aos poucos, deslizou do campo das Letras para as demais áreas de humanas e das artes. Daí para as comunicações foi necessário apenas um pequeno deslocamento.

Nas décadas que se seguiram, o movimento tornou-se mais lento, e a Linguagem, com o séquito –código, mensagem, discurso etc.– reificou-se: de questionada transformou-se em coisificada. Fala-se dela como se uma convenção estabelecesse que ao dela se falar, ou ao se falar dos termos que dela procederam, discurso, por exemplo, está sendo cumprido algum requisito necessário. Mas do que se fala quando se fala em Linguagem? Do que se fala quando se fala em discurso?

O TEMPOS PROMISSORES que nomeia este editorial provém de uma certa percepção de que, no presente século, as dificuldades em se traçarem as relações entre diferentes culturas, diferentes nações e diferentes línguas, sob a planetarização da tecnologia, impõem a busca do “comum” a todos. E onde encontrá-lo se não na Linguagem, aquilo que nos faz humanos, e no discurso, o laço social que nos une?

Movimentos impelidos por tais dificuldades são notáveis, quer sejam impulsionados pelos teóricos americanos na tentativa de situar o campo das comunicações, quer sejam impelidos pelos chineses no embate entre uma cultura milenar e a necessária acolhida da língua inglesa.

Talvez o momento seja um convite para um olhar para trás, a fim de resgatar o legado daqueles que abriram uma brecha para a fundação do campo das Ciências da Linguagem: F. de Saussure, S. Freud, C. Lévi-Strauss, J. Lacan e ainda toda uma tradição que vem desde os primeiros estudos da narrativa.

No próximo número, CALIGRAMA reúne trabalhos apresentados durante a International Conference on Multicultural Discourses, realizada na Universidade de Zhenjiang, na China.

Faremos uma publicação especial denominada: *Language, Communication and Media From the Eastern World*.

Os problemas são distintos daqueles que habitualmente são abordados nas pesquisas aqui desenvolvidas. O campo que os abriga, no entanto, nos aproxima: por uma via ou por outra a interrogação volta-se para a Linguagem. A divulgação desses trabalhos amplia nossa visão do campo e pode propiciar a aproximação entre pesquisadores geograficamente distantes. Por antecipação, estamos publicando agora o texto *Space, Scale and Acents: constructing migrant identity in Beijing*, da autoria de Jan Blommaert, professor da University of London, e Jie Kathy Dong, da University of East London.

Neste número, os artigos abordam temas diversificados. Alguns voltam-se para questões recorrentes, como o trabalho de D. I. Vogel, ao tratar da relação da revista *Senhor* com as mulheres; a questão da divulgação do conhecimento, no artigo de J. M. de Oliveira; a sempre discutida aproximação entre documentário e jornalismo, preocupação de G. Souza, e o tema da linguagem adequada, como no caso do uso do economês no jornalismo impresso, alvo do trabalho de K. C. Francisco, ou da comunicação popular, no artigo de E. Y. Yamamoto. Outros, pela via psicanalítica, são reveladores das possibilidades ainda não exploradas da Linguagem. Trata-se do cinema, na proposta por um ouvir analítico, apresentado por M. Carvalho, e do ensaio de S. E. Hassan que, na rota do significante psicofármaco, também objeto tecnológico, e na passagem pela *Gestell*, de Heidegger, tanto situa a diferença do discurso psicanalítico em relação aos outros discursos (o discurso do mestre, do saber e da histórica ou da ciência), quanto logra articular os efeitos poéticos da linguagem. R. M. Azevedo retorna às origens da programação neurolingüística, desvendando aí a presença da teoria de N. Chomsky.

O ensaio de G. de Freitas, no Arquivo, é exemplar do final da década de 60, quando os sociólogos, ao buscarem um modo de pensar os mídias, se deparam com os primeiros trabalhos de R. Barthes.

O livro *L'échange*, de Philippe Fontaine, Paris, 2002, ainda não traduzido para o português, mostra, na leitura realizada por P. C. do Nascimento, um caminho a mais para o estabelecimento das conexões entre as relações sociais e a Linguagem.

CALIGRAMA aguarda a colaboração de pesquisadores, professores e profissionais interessados nas questões que a globalização provoca e nas inúmeras possibilidades de pensá-las que o campo das Ciências da Linguagem oferece.

Junte-se a nós!